

## O CONCEITO DE INDIVÍDUO EM LUCIEN FEBVRE E CARLO GUINZBURG

SÍLVIA SGROI BRANDÃO <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo possui um caráter de análise historiográfica, visto que tem como corpus documental livros e obras de história. As obras selecionadas para tratar o tema do “conceito de indivíduo” no pensamento historiográfico do século XX foram a de Lucien Febvre “O Problema da Incredulidade no Século XVI” e a de Carlo Ginzburg “O Queijo e os Vermes”. A escolha se deu principalmente pelo fato de que nelas seus autores se centram mais no indivíduo, tanto Ginzburg, quando escreve sobre Menocchio, um moleiro do Friule, com sua maneira peculiar de ver o mundo, quanto Febvre, quando analisa o caso de Rabelais, um pensador do século XVI, tentando demonstrar que seu personagem não era ateu. E ao analisar esses dois homens, os autores discutem o conceito de indivíduo e o seu papel na história, construindo abordagens que marcaram e influenciaram a historiografia do século XX.

**Palavras-chave:** Historiografia, Indivíduo e Sociedade.

**Abstract:** This article has a character of historiographical analysis has works of history books as a corpus of documents. The selected works to address the issue of "individual concept" the thought of the historiography of the twentieth century were Lucien Febvre "The Problem of Unbelief in the Sixteenth Century" and Carlo Ginzburg's "The Cheese and the Worms." The choice was mainly because in them the authors focus more on the individual, both Ginzburg, when he writes about Menocchio, a miller from Friuli, with its peculiar way of seeing the world, as Febvre, when examining the case of Rabelais, a thinker of the sixteenth century, trying to show that his character was not an atheist. And by analyzing these two men, the authors discuss the concept of the individual and their role in history, building approaches that marked and influenced the historiography of the twentieth century.

**Keywords:** Historiography, individual, society.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: silvia.sgroi@gmail.com

O objetivo desse trabalho é analisar o conceito de indivíduo em “O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição”, de Carlo Ginzburg e em “O Problema de Incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais”, de Lucien Febvre; para tanto irei caracterizar as correntes historiográficas desse período, dando ênfase principalmente na Escola dos Annales (em sua primeira geração) e na Micro-História. Além de contextualizar e apresentar tanto as obras quanto os autores inseridos em seus contextos historiográficos.

A historiografia como outras disciplinas do conhecimento social, foi constituindo-se ao longo de um problemático processo de aquisições e debates.

*A clara separação entre a “ciência da história”, que será o objetivo que se atribui ao século XIX, e a história erudita e filosófica do século XVIII, tem talvez seu ponto de inflexão na historiografia romântica, que terá seu auge na Europa da Restauração e atinge seu declínio sob a influência geral da nova filosofia positivista de meio século depois. Nesse momento da história cultural européia pode-se dizer que aparece a historiografia moderna. É também nesse momento de auge historiográfico que começam a se diferenciar as escolas nacionais de historiadores, e inicia-se a criação de grandes tradições historiográficas que prevalecerá, aproximadamente, até a Grande Guerra de 1914. As escolas historiográficas mais avançadas e brilhantes seriam, sem dúvida, a alemã e a francesa. A elas seguiriam, a britânica, e em menor escala, a italiana e a espanhola. (AROSTEGUI, 2006, p. 100)*

Entretanto “a criação e o desenvolvimento da ‘ciência da história’ fez-se através da hegemonia de *diversas correntes historiográficas* [grifo nosso]” (AROSTEGUI, 2006: 99), tais como o historicismo, o positivismo, marxismo, os Annales, Micro-História entre outras. Cada uma delas com um olhar particular da história, e conseqüentemente do indivíduo.

O positivismo é uma corrente historiográfica que tem como princípio a descrição do que se observa ou do que se experimenta. Pregava a cientifização do pensamento e do estudo humano, visando a obtenção de resultados claros, objetivos e completamente corretos. Os positivistas crêem que o conhecimento se explica por si mesmo, necessitando apenas seu estudioso recuperá-lo e colocá-lo à mostra. Não foram poucos os que seguiram a corrente positivista: Auguste Comte, na Filosofia; Émile Durkheim, na Sociologia; Fustel de Coulanges, na História, entre outros, contribuíram para fazer do Positivismo e da cientifização do saber um posicionamento poderoso no século XIX.

Pode-se inclusive dizer que o Positivismo reduz o papel do homem enquanto ser

pensante, crítico, para um mero coletor de informações e fatos presentes nos documentos, capazes de fazer-se entender por sua conta. "Os fatos históricos falam por si mesmos", dizia Coulanges, historiador francês. Assim, para os positivistas que estudaram a História, esta assume o caráter de ciência pura, uma vez que é formada pelos fatos cronológicos e o que realmente significam em si. São objetivos à medida que possuem uma verdade única em sua formação (que é o seu sentido e sua única possibilidade de compreensão) e não requerem a ação do historiador para serem entendidos. Daí a necessidade, como pregavam, de se utilizar na pesquisa e análise o máximo de documentos possíveis: para se obter a totalidade sobre os fatos e não deixar nenhuma margem de dúvida no que se refere à sua compreensão.

O historicismo é uma tendência filosófica, inspirada nas idéias de Benedetto Croce e Leopold von Ranke, que considera toda a realidade como o produto de um devir histórico. Concebe ao ser essencialmente como um devir, um processo temporário, que não pode ser captado pela razão. Concebe o devir como história e utiliza mais a ciência do espírito.

Segundo o historicismo, a filosofia é um complemento da história. Sua tarefa consiste em levar a cabo uma teoria da história. Esta se propõe efectuar uma exploração sistémica dos fatos históricos. Os fatos políticos, cientistas, técnicos, artísticos, religiosos, etc., podem ser considerados fatos históricos porque têm importância para a vida do homem.

Karl Popper definiu o historicismo como:

*Uma aproximação às ciências sociais que assume que a predição histórica é seu objetivo principal, e que assume que seu objetivo 'é alcanzable mediante a descoberta dos "ritmos", ou os "padrões", as "leis" ou as "tendências" que subyacen à evolução da história" ' . (POPPER, 2002: INTRODUÇÃO)*

Popper criticou este tipo de historicismo, praticado, segundo ele, por filósofos como Hegel, Marx e Oswald Spengler.

O marxismo se baseia no materialismo e no socialismo científico, constituindo ao mesmo tempo uma teoria geral e o programa dos movimentos operários. Em razão disso, o marxismo forma uma base de ação para estes movimentos, porque eles unem a teoria com a prática. Para os marxistas, o materialismo é a arma pela qual é possível

abolir a filosofia como instrumento especulativo da burguesia (o idealismo, por exemplo) e fazer dela um instrumento de transformação do mundo a serviço do proletariado (força de trabalho). Este conceito tem duas bases: o materialismo dialético e o materialismo histórico.

O Movimento dos Annales, em sua primeira geração, contou com dois líderes: Lucien Febvre (um especialista em história moderna com ênfase no século XVI) e Marc Bloch (um medievalista). Dissidentes da *Revue de synthèse historique*, Lucien Febvre e Marc Bloch - com o projeto de renovar a história - fundaram a Revista Les Annales d' Histoire Économique et Sociale, em 1929. Tinham como objetivos: eliminar o espírito de especialidade, promover a interdisciplinaridade, favorecer a união das ciências humanas, passar da fase dos debates teóricos (os da *Revue de synthèse historique*) para a fase das realizações concretas.

Denominada por muitos como Escola dos Annales, esse grupo de historiadores se engajaram em propor um conjunto de estratégias voltadas para combater o tipo de história que se fazia na França e que dominava a universidade no início do século XX. Eles combatiam essa história preocupada somente com os fatos singulares, principalmente com os de natureza política, diplomática e militar, que eles denominavam, de maneira não muito simpática, de positivista, historicizante. Combatiam ainda essa história que pretendendo-se científica, tomava como critério de cientificidade a verdade dos fatos, mediante apenas a análise dos documentos verdadeiros e autênticos, e que como consequência desse “método”, se furtava ao diálogo <sup>2</sup> com as demais ciências humanas, como a antropologia, a psicologia, a lingüística, a geografia, a economia, e sobretudo a sociologia.

Contra isso, eles propunham uma “história nova”, que era problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história de estruturas em movimento, com grande ênfase no estudo das condições de vida material, embora sem nenhum reconhecimento da determinância do fator econômico na totalidade social, ao contrário da concepção marxista da história.

Essa corrente historiográfica tem como principal representante o historiador Lucien Febvre. Em 1897, Lucien Febvre foi admitido na Escola Normal Superior, então

---

<sup>2</sup> Esse diálogo também pode ser entendido aqui como sinônimo de interdisciplinaridade.

separada da Universidade de Paris. Era uma pequena escola superior, mas muito qualificada intelectualmente.

Durante toda a vida, Febvre expressou sua admiração pela obra de Michelet. Reconheceu Burckhardt como um de seus “mestres” juntamente com o historiador da arte Louis Courajod. Confessa também outra grande influência, a do político de esquerda Jean Jaurès. A influência de Jaurès pode ser constatada na tese de doutoramento de Febvre – um estudo sobre sua própria região, a Franche-Comté, a área em torno de Besançon, no final do século XVI, quando era governada por Felipe II, da Espanha. O título da tese, Philippe II et la Franche-Comté, mascara o fato de ser uma importante contribuição tanto à história sociocultural quanto à história política.

Outra característica marcante e poderosa do estudo de Febvre era a introdução geográfica, que traçava um nítido perfil dos contornos da região. O interesse de Febvre pela geografia histórica era suficientemente grande para publicar, sob o incentivo de Henri Berr, um estudo geral sobre o assunto com o título de *“La terre et Pèvolution humaine”*.

De outro modo, foi importante para Lucien Febvre o geógrafo alemão Ratzel. O historiador francês era uma espécie de “ostra intelectual”<sup>3</sup>, que elaborava mais facilmente suas idéias quando irritado pelas conclusões de algum colega. Ratzel foi um dos pioneiros da geografia humana.

Depois de completar seu antigo projeto de geografia histórica, Febvre tal qual Bloch mudou o rumo de seus interesses para o estudo de atividades coletivas ou “psicologia histórica”, como ele, da mesma maneira que seu amigo Henri Berr, denominou esse tipo de trabalho. Até o fim de sua vida, concentrou o melhor de seu trabalho de pesquisa na história do Renascimento e da Reforma, especialmente na França.

Sua obra “O Problema da Incredulidade no Século XVI: a religião de Rabelais” é uma das mais fecundas publicadas deste século. Juntamente com o livro de Bloch “Os Reis Taumaturgos” e o artigo de Lefebvre sobre as multidões, inspirou a história das mentalidades coletivas, com a qual, a partir dos anos 1960, tantos historiadores franceses se preocuparam. O livro de Febvre permanece, contudo, exemplar pelas

---

<sup>3</sup> A expressão ostra intelectual foi utilizada por Peter Burke na obra: **A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989.**

questões postas e pelos métodos empregados, mais do que pelas respostas oferecidas. É um exemplo notável da história-problema propugnada pelos Annales. Nessa obra, Lucien Febvre apresenta Rabelais “como um escritor que teve êxito no reencontro da espontaneidade e da pureza de uma cultura esmagada pelos mecanismos opressores do estado.” (DOSSE, 1992: 87)

Foi com base nesse espírito de combate e renovação de pesquisa histórica que essa corrente historiográfica acabou por influenciar e inspirar a pesquisa e a reflexão historiográfica mundial ao longo do século XX, principalmente, nas últimas décadas, como a Micro-História, por exemplo.

Nesse contexto de renovação de pesquisa houve conseqüentemente uma expansão das fronteiras da investigação historiográfica que implicaram no que Henrique Espada Lima denominaria “trocas historiográficas” entre diferentes tradições nacionais, uma vez que a circulação de pesquisadores fez com que historiadores franceses fossem trabalhar nos arquivos de outros países, assim como historiadores de outros países fossem trabalhar na França.

*A rede de influência mútua que se estabeleceu entre historiadores franceses e italianos [...] iria permitir não apenas que as discussões da Península fossem enriquecidas pela influência cultural da tradição historiográfica francesa, mas também que o debate italiano começasse a influenciar os termos do debate histórico na França. Mais uma vez, é uma dinâmica construída sobre projetos comuns, discussões coletivas e no empenho didático de formação de historiadores no horizonte cultural que se formava. (LIMA, op. cit. : 85)*

Essa influência seria vista tanto como uma forma de legado, herança ou como uma forma de rejeição à importância dada ao coletivo na história, visto que os Annales por mais que tenham desenvolvido um novo método de se trabalhar e construir a história, com novas fontes, novas perspectivas, ainda continuavam muito ligados a uma história econômica, que privilegiava o estudo do comércio internacional, os preços, ou seja, uma história quantitativa e serial. Isso causava certa divergência com os objetivos e interesses entre a historiografia dos Annales e da Micro-História, visto que esta se propunha a estabelecer um tratamento intensivo e qualitativo das fontes seriais, que de certa forma, e eles não negavam isso, era uma dívida que a Micro-História tinha com a Escola dos Annales.

Outro ponto que diverge entre essas correntes, é em relação à escala de análise, pois ao contrário dos annalenses que se debruçavam sobre a longa duração e os longos espaços geográficos, principalmente Braudel, a historiografia italiana propunha-se a estudar com um olhar mais intenso as comunidades, grupos familiares, e principalmente os indivíduos. Com isso eles justificavam que essa perspectiva de análise possibilitava “articular de modo consciente os vários perfis que as fontes seriais produziam [...] em uma compreensão coerente da realidade social”. (LIMA, 2006: 62)

Essa dialética entre aceitação e rejeição da herança dos Annales é melhor entendida na definição que Ginzburg propõe à Micro-História. Para ele e Poni <sup>4</sup> essa corrente seria uma “ ‘prosopografia a partir do baixo’ uma tentativa de reconstituição biográfica ‘coletiva’ que, com um diferente sentido político, tentava colocar no plano central as ações e pontos de vista das chamadas classes subalternas”. (LIMA, 2006: 62)

A Micro-História <sup>5</sup> é um gênero historiográfico surgido com a publicação, na Itália, da coleção "Microstorie", sob a direção de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, pela editora Einaudi, entre 1981 e 1988. Vem sendo praticada por historiadores italianos, franceses, ingleses e estadunidenses, com ênfase no papel desempenhado pelos primeiros, na importância da revista "Quaderni Storici" e no sucesso da referida coleção "Microstorie".

A sua proposição de análise histórica defende uma delimitação temática extremamente específica por parte do historiador, inclusive em termos de espacialidade e de temporalidade. Numa escala de observação reduzida, a análise desenvolve-se a partir de uma exploração exaustiva das fontes, envolvendo a descrição etnográfica e tendo preocupação com uma narrativa literária. Contempla temáticas ligadas ao cotidiano de comunidades específicas, — geográfica ou sociologicamente — às situações-limite e às biografias ligadas à reconstituição de microcontextos ou dedicadas a personagens extremos, geralmente figuras anônimas, que passariam despercebidas na multidão.

“Microstoria” é, antes de tudo, o nome de uma coleção italiana publicada pela Einaudi (Turim), voltada para pesquisas biográficas, estudos de comunidades,

---

<sup>4</sup> Ver mais sobre Poni na obra de DOSSE. **A História em Migalhas:** dos “Annales” à Nova História. p. 87.

<sup>5</sup> Ver mais a respeito da Micro-História no livro de Henrique Espada Lima, “A Micro - História Italiana: Escalas, Índicios e Singularidades”.

reconstituição de episódios excepcionais na vida cotidiana de certas populações etc. O objeto da Micro-História consiste nas racionalidades e estratégias que põem em funcionamento as comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos.

Esse gênero da história tem como principal autor Carlo Ginzburg. Um historiador que, nas últimas décadas, não se cansou de procurar novas formas de indagar a história. Nasceu em Turin em 1939, em uma família de intelectuais judeus e antifascistas. Quando a Itália entrou na Segunda Guerra Mundial, ele e sua família são transferidos para um pequeno povoado no centro-sul da Itália, Pizzoli (nos Abruzzi), onde são mantidos em confinamento sob controle do regime.

Em Pisa, os primeiros interesses continuaram sendo aqueles próximos à literatura e a crítica literária. O interesse pela filologia textual era alimentado pelas obras de Contini e pelas leituras de Spetzer e Auerbah.<sup>6</sup>

Entretanto não era apenas em Contini que Ginzburg encontrava razões para o seu interesse pela história. Arsenio Frugoni<sup>7</sup> (1914- 1970), um outro autor medievalista de Pisa, foi responsável (direta e indiretamente) por marcas importantes em sua formação. Frugoni também intermediou um encontro muito importante na trajetória de Ginzburg, que foi o encontro com Marc Bloch. Seguindo a sugestão de Frugoni, Ginzburg passa a ler a então criada revista francesa dos *Annales*. Com isso ele interessava-se pelos trabalhos de Bloch. Seu livro “*Os Reis Taumaturgos*” parece marcar na trajetória do autor italiano, um encontro com a história em novos termos.

O impacto positivo da influência de Marc Bloch faz com que ele seja considerado, portanto, seu “pai espiritual”, por ter ensinado Ginzburg a como conceber a história.

Essa influência do livro de Bloch fez também com que Ginzburg escolhesse um tema até então considerado como um objeto marginal para a história, como a feitiçaria. A ideia de se trabalhar esse tema, a partir de um ângulo particular como o era aquele das vítimas, aconteceu, segundo o próprio autor em algum momento de 1959. A partir de

---

<sup>6</sup> Esses autores foram expoentes de uma crítica estilística e filológica da literatura que não abria mão de investigar textos literários por meio da interrogação alimentada por uma forte consciência da história e do contexto social.

<sup>7</sup> Ver mais sobre Frugoni em “**A Micro - História Italiana**: Escalas, Indícios e Singularidades” de Henrique Espada Lima, p. 288.



seu interesse pela feitiçaria, o autor escreve seus dois livros sobre o assunto: “I Benandanti” e depois “ Il Formaggio e i Vermi”.

Em “O queijo e os vermes - O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição” Carlo Ginzburg faz um dos mais importantes estudos da chamada Micro-História. Sua obra, do cotidiano, da vida e do julgamento do moleiro italiano Domenico Scandella, conhecido por “Menocchio” analisa o processo inquisitório, partindo da vida cotidiana nos campos italianos do século XVI até chegar aos pensamentos específicos deste interessante personagem. Trata-se de um estudo da Micro-História: afinal, refere-se à história pessoal de um moleiro em especial, em uma vila em especial (Montereale) em uma época determinada (século XVI).

Com bases nos dados sobre essas duas correntes historiográficas, analisadas no presente artigo, podemos discorrer a cerca do problema central desse trabalho, que é o de analisar o problema do indivíduo, a partir das obras de Lucien Febvre e Carlo Ginzburg.

Em seus trabalhos Febvre busca analisar a questão que para ele é central na história, ou seja, “quais as possibilidades do pensamento desse ou daquele líder da Reforma ou Renascença apresentadas a ele pela época e o meio desses homens e quais são os limites desse pensamento” (GURIÈVITCH, 2003: 8), pois como o próprio Febvre afirma,

*em todas as épocas houve despreocupados com as dificuldades, heróis ou cabeças ardentes, dessas cabeças ardentes que o século XVI comumente transformou em corpos queimados – mas a perspectiva não os assustava; o número de mártires que enfrentaram sem medo os transtornos o demonstra.*  
(FEBVRE, 2009: 291)

Nessa perspectiva, para Febvre, a biografia intelectual é uma história da sociedade, e conseqüentemente uma história dos homens. E por ser uma história da sociedade, as conquistas desses homens são condicionadas coletivamente, uma vez que “um grande homem é filho da sua época e o representante melhor e mais completo da sua cultura, dos modos de conhecimento do mundo próprios dessa época” (GURIÈVITCH, 2003: 9).

Partindo desse princípio, quando analisa o personagem Rabelais, Febvre admitia a possibilidade de livre pensamento individual naqueles tempos. Entretanto o que mais

lhe importava era saber se havia um meio social e intelectual em que semelhantes idéias pudessem definir-se e encontrar repercussão, ou seja, ele tentava entender, como diria Aaron Guriêvitch, qual era a relação existente entre indivíduo e sociedade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social em que as idéias e atos desses homens ganham algum significado como históricos.

Com isso ele tentava tratar o problema de desenvolver um método para estudar esse papel do indivíduo, com suas concepções de mundo, suas contribuições para a sociedade da qual ele faz parte, pois para ele as concepções de indivíduo são representativas de sua época e do seu meio.

E é isso que Lucien Febvre faz ao voltar seu olhar para a sociedade da época <sup>8</sup> buscando entender o autor de Gargantua e Pantagruel, pois

*no século XVI o cristianismo era o próprio ar que se respirava [...]. Era uma atmosfera na qual o homem vivia sua vida, toda a sua vida - e não apenas sua vida intelectual, mas também sua vida privada de atos múltiplos, sua vida pública de ocupações diversas, sua vida profissional, qualquer que fosse seu âmbito [...]. Tudo isso mostra a Igreja Católica [grifo nosso] estabelecida em pleno coração da vida dos homens [...]. (FEBVRE, 2009: 304)*

Com o advento da ciência, da imprensa, os homens do século XVI ganham novos mecanismos para desenvolver seus pensamentos, suas idéias, mas ao mesmo tempo permanecem presos à doutrina cristã, que age como uma forma de prisão silenciosa, na qual esses homens são impedidos, pelos rigores, de se expressar livremente. Eles vivem uma espécie de dualismo, livre/preso, permitido/proibido, pecado/perdão etc. Mas ao mesmo tempo esses homens fervilham de idéias e por medo não conseguem traduzi-las nitidamente e assim permanecem em trevas ainda mais escuras.

*O século XVI é um século de precursores, isto é, de homens sem descendência, de homens que não engendram nada, pois não conquistaram a adesão pública na época [grifo nosso]. Atestam simplesmente a força, o vigor, o tumultuoso ímpeto de seiva de um tempo em que espíritos poderosos*

---

<sup>8</sup> Esse olhar não de ser um olhar de um historiador do século XX, ou seja, Febvre defendia que o historiador, ao analisar seu objeto deveria olhá-lo de uma forma que se buscasse voltar à época daquele personagem ou acontecimento, para não cometer o maior erro que um profissional dessa área pode cometer que é o anacronismo - pensar com uma visão de hoje os acontecimentos passados - e pra não acontecer isso deve-se manter um certo afastamento para então poder entender como determinada sociedade funcionava, ou melhor, como seus membros se comportavam.

*procuram às cegas, chocando-se sempre contra as paredes de prisões obscuras, o que não podem, não poderiam encontrar, na falta dessa luz que apenas a ciência sabe distribuir. [...] E para viver, na falta de uma ciência 'clara' que não nascera, mergulhavam com deleite nas águas turvas de suas ciências ocultas. (FEBVRE, 2009: 361-362)*

Em busca da formulação desse método de estudo, Lucien Febvre, juntamente com Marc Bloch desenvolveram um trabalho de grande relevância para a investigação histórica, pois eles puderam concluir que

*o historiador deve descobrir aqueles procedimentos do pensamento, aqueles modos de conceber o mundo e os hábitos da consciência que sejam próprios dos homens de uma dada época e dos quais esses mesmos homens possam não fazer uma idéia clara, aplicando-os meio 'automaticamente', sem refletir sobre eles e por isso sem submetê-los a uma crítica. Com semelhante enfoque conseguir-se-ia abrir acesso a uma camada mais profunda da consciência, vinculada de forma mais estreita ao comportamento social dos homens, 'auscultar' aquilo sobre o que esses homens pudessem no máximo 'deixar escapar' algo, independentemente de sua vontade. (GURIÊVTCH, 2003:12)*

Para poder desenvolver esse método de investigação histórica Febvre inclui a utilização da psicologia, e passa então a estudar os mecanismos psicossociais, mais vinculados ao campo das emoções, das doutrinas, crenças idéias, nessa perspectiva ele conseguia enfocar mais de perto a concepção do comportamento social dos indivíduos, tanto em grupo como também do comportamento do grupo.

Para seguir nesse caminho ele passa a estudar de modo mais atento a linguagem, ou seja, o vocabulário da época, os símbolos, os rituais desses homens, em especial Rabelais, ou seja, ele sempre esteve atento em analisar tudo o que pertence ao homem, o que depende do homem, o que parte dele (suas ações), o que testemunha sua presença naquela sociedade. Febvre procura esses vestígios do pensamento humano através desse contato com os homens de uma época distante e para isso é preciso se conhecer a essência de uma civilização, saber como ela funciona para poder se entender porque aqueles homens se comportam daquela maneira. Entendendo isso Febvre afirma que

*as 'possibilidades' que a civilização abre diante do homem; como esse ou aquele indivíduo aproveita essas possibilidades já depende dele, das suas capacidades, do lugar que ocupa na sociedade e de outras circunstâncias concretas e correntes. [...] Ao mesmo tempo, [...] o estilo de vida, as linguagens da cultura, a mentalidade própria de uma dada comunidade humana não dependem dos grupos sociais ou dos indivíduos, "são dados" a eles. Eles não tem consciência ou sentem essas limitações, uma vez que estão "dentro" de uma dada esfera mental e cultural [...]. (GURIÊVTCH, 2003: 15)*

Ao analisar a obra de um escritor do porte de François Rabelais, Lucien Febvre tenta entender, a partir do uso da psicologia, quais os mecanismos de funcionamento da sociedade na qual Rabelais estava inserido para assim poder, através do comportamento apresentado por ele, tomá-lo como modelo a ser aplicado a toda a sociedade. Ou seja, Febvre parte de uma análise voltada para o particular, de um homem, um indivíduo, mas ao mesmo tempo ele admite ser uma tarefa delicada, visto que é muito complexo conhecer um homem através de uma obra, de uma única obra, para tentar explicar o todo, ou seja, a sociedade da época.

O indivíduo Rabelais, é tido como um modelo de explicação para a forma como a sociedade do século XVI, na França, se comportava. Seria uma forma de generalização do comportamento dos indivíduos, visto que a história é composta por homens pertencentes à sua sociedade. Para Denis Crouzet, no posfácio de “O Problema da incredulidade”, Febvre ao propor o discurso do método,

*[...] tem de um lado a idéia de que não se deve encarar Rabelais como uma individualidade atípica. Rabelais é antes de tudo um homem da primeira metade do século XVI, é menos um inventor que uma caixa de ressonância, uma caixa de ressonância de uma formidável sensibilidade, e a grande surpresa que o historiador anuncia ao seu leitor ‘é a que ponto Rabelais, ao contrário, representa fielmente o conjunto de seus contemporâneos em suas maneiras de pensar, de sentir e de filosofar’, em suas contradições ou traços comuns. Significa dizer que longe de distinguir em primeiro lugar no grande espírito que foi o autor das aventuras gigantais um inovador, Lucien Febvre pretende ver em seus relatos a projeção das emoções, dos fantasmas, dos saberes, das suspeitas e das tensões da época. Uma problemática permutada do indivíduo guia o processo. O indivíduo se não for definido como ‘reflexo’, será isolado primeiro fora de sua própria individualidade, e essa individualidade apenas pode chegar a uma autenticidade possível uma vez reconstruída, mas amplamente, no contexto mental de sua época. (CROUZET, In, FEBVRE, op cit. p. 397)*

Nesse sentido ao se voltar para Rabelais, Lucien Febvre tenta entender o passado através de um grande personagem histórico, mas devemos entender esse “grande personagem” não no sentido que se emprega quando nos referimos aos príncipes, reis, generais, pois para esse historiador um grande personagem é aquele que pertence ao domínio do espírito, ou seja, são os “autores de obras científicas literárias, filosóficas ou religiosas, porque suas obras modificam as ‘idéias’, são de perceber como os espaços de um sistema de interações entre o indivíduo e o grupo” (FEBVRE, 2009: 400). O personagem histórico pertence a uma determinada sociedade e por tudo, o trabalho que ele desenvolve está voltado e influenciado por essa sociedade.

Lucien Febvre ao escrever esse livro, tentou e conseguiu brilhantemente defender sua tese, de que o século XVI não era e não podia ser o século da incredulidade. Ele demonstrou que isso era impossível devido à grande influência da Igreja Católica. Sua obra pode ser lida tanto pelo dito claramente, quanto pelo não dito, o que ficou nas entrelinhas. E ao se analisar essa obra pode-se perceber o desenvolver de um novo método de investigação histórica. Método esse que tem o homem, o indivíduo como agente principal da história, mas que somente ganha significado dentro do coletivo, da sociedade. Ele nos ensinou uma nova forma de olharmos para o passado, visto que para Lucien Febvre, “o passado é o ‘sentido secreto dos destinos humanos’. E é conhecendo-o que o historiador pode pensar em participar da emergência de uma nova era de reconciliação e conciliação.” (CROUZET, Denis. p. 417. In. FEBVRE, 2009: 43)

Já na obra “O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição” Carlo Ginzburg faz um estudo de caso, uma biografia. Suas fontes principais eram dois processos inquisitoriais, encontrados no Arquivo do Estado de Udine, mostrando assim sua preocupação com o “individual”, conforme a passagem abaixo:

*este livro narra sua história [de Menocchio]. Graças a uma farta documentação, temos condições de saber quais eram as leituras e discussões, pensamento e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos. De vez em quando as fontes, tão diretas, o trazem muito perto de nós: é um homem como nós, é um de nós. Mas também um homem muito diferente de nós. A reconstrução analítica dessa diferença tornou-se necessária, a fim de podermos reconstruir a fisionomia, parcialmente obscurecida, de sua cultura e contexto social no qual ela se moldou . (LIMA, 2006: 11-12).*

Ao se debruçar sobre esse personagem, Ginzburg faz questão de ressaltar seu deslumbramento pelo seu processo inquisitorial que é tão singular, principalmente por se tratar de uma figura que não pertencia à classe alta da sociedade, mas sim de um moleiro que tinha uma posição social particular a ponto desses profissionais (moleiros) serem isolados da comunidade em que viviam, por serem tomados por ladrões, figuras espertas, enganadores. Isso se dava pelo fato de serem pessoas que estavam mais abertas às idéias que circulavam e também pelo moinho ser um local de trocas de relações sociais e encontros de pessoas de vários tipos. E, conseqüentemente o moleiro não era uma figura representativa de qualquer coletivo. Ao fazer essa afirmação Ginzburg

descarta uma possível abordagem, a que consistiria em contextualizar e integrar o singular num conjunto mais amplo.

Ao se propor analisar um personagem tão peculiar do século XVI, que expunha suas idéias muitas delas consideradas heréticas e profanas, a quem o quisesse ouvir, Ginzburg, segundo Henrique Espada Lima, começa a se interrogar sobre a natureza dessas heresias, ou seja, ele passa a tentar entender “como era possível a um moleiro do Friuli expor idéias daquele tipo? De onde elas vinham? Qual sua origem?” (LIMA, 2006: 313) e assim por diante, sempre tentando entender o universo desse indivíduo. Para isso ele passou a fazer um levantamento das leituras feitas por Menocchio através de seus próprios depoimentos frente ao Tribunal do Santo Ofício.

A partir disso Ginzburg passa a conhecer não só os livros que Menocchio leu, mas também a forma como os leu, visto que Menocchio “em seus discursos colocava em primeiro plano seu próprio raciocínio, *por exemplo, quando afirmava* [grifo nosso]: ‘minhas opiniões saíram da minha própria cabeça.’” (GINZBURG, 1987: 12) Segundo a análise do historiador, a leitura feita pelo moleiro é uma deformação, uma apropriação particular do texto escrito misturado com resquícios da tradição da cultura oral camponesa.

*Foi possível rastrear o complicado relacionamento de Menocchio com a cultura escrita, os livros [...] que leu e o modo como os leu. Emergiu assim um filtro, um crivo que Menocchio interpôs conscientemente entre ele e os textos, obscuros ou ilustres, que lhe caíram nas mãos. Esse crivo, por outro lado, pressupunha uma cultura oral que era patrimônio não apenas de Menocchio, mas também de um vasto segmento da sociedade do século XVI. Em conseqüência uma investigação que no início, girava em torno de um indivíduo, sobretudo aparentemente fora do comum, acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular – mais precisamente sobre a camponesa – da Europa pré-industrial [...]. (GINZBURG, 1987: 12)*

Para Henrique Espada Lima,

*Ginzburg interpretava a “complexa estratificação” da cosmogonia de Menocchio por meio da exploração das defasagens entre as suas fontes escritas e as leituras feitas sobre elas. As “deformações”, os “desvios” (scarti), os “erros” de interpretação do moleiro são [grifo nosso] cuidadosamente perseguidos, na tentativa de encontrar nos lapsos, na seleção involuntária, os elementos mais substanciais do seu pensamento. O historiador opera aqui com instrumentos que derivam de muitos modos de outras disciplinas (interdisciplinaridade, influência da Escola dos Annales na historiografia italiana) [grifo nosso]. O uso analógico (e às vezes metafórico) da psicanálise é evidente. Ginzburg explora as lacunas na análise de Menocchio como se fossem “atalhos falsos” – enganos que acabam por*

*revelar conteúdos ocultos –, e muitas das divagações filosófico-religiosas do moleiro como forma de “associação-livre”.* (LIMA, 2006: 317)

E por se debruçar sobre a questão da relação da cultura da classe dominante com a cultura da classe subalterna, o historiador se utiliza preferencialmente da antropologia, pois essa disciplina o possibilitava a investigar a alteridade de Menocchio.

Em seu livro Ginzburg desenvolve uma importante perspectiva metodológica que é o trabalho sobre o singular, o peculiar, ou melhor, o individual. A reconstituição feita da forma como aquele moleiro vivenciava os acontecimentos como a Reforma, a Contra-Reforma e tantos outros era uma forma de “dar voz e rosto a um processo e a uma classe social cuja inserção na grande História havia sido considerada possível apenas por meio do ‘número e do anonimato’ ” (LIMA, 2006: 325). Ele tentava reintegrar as classes subalternas na história, tentando assim incluí-las como agentes ativos no processo histórico, com suas particularidades, suas visões dos acontecimentos. Inclusão essa que era apenas destinada aos indivíduos singulares, ou em outras palavras, os “grandes homens”.

Ao se utilizar desse aparato metodológico, Carlo Ginzburg passa a por em destaque um dos aspectos mais importantes da Micro-História, que é a relação do individual com o geral, do micro com o macro, ou aquilo que Espada Lima denominaria de *a representatividade de Menocchio*.

Nessa perspectiva, quando se refere ao moleiro Domenico Scandela (Menocchio), Ginzburg afirma:

*não podemos considerá-lo um camponês “típico” [...] de seu tempo. [...] Aos olhos de seus contemporâneos Menocchio era um homem, ao menos em parte, diferente dos outros. Mas essa singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes [...]. Com rara clareza e lucidez, Menocchio articulou a linguagem que estava historicamente disponível [...].* (GINZBURG, 1987: 326)

A partir dessas análises podemos concluir que Ginzburg tem uma visão do indivíduo não como um reflexo da sociedade, ou seja, ele não se utiliza da análise de um indivíduo para se entender a sociedade em que ele vive, como se todos fossem ou se comportassem da mesma forma. Pelo contrário, ele o tempo todo afirma que o indivíduo faz parte sim da sociedade, traz traços marcantes dela, mas não pode de forma alguma ser tomado como espelho, como modelo para se explicar algo mais geral. Ou seja, seu

objetivo é integrar esses indivíduos que ocupam, ou que até determinada época ocupavam uma posição marginal na História, como agentes do processo histórico. Ou em outras palavras, sua escolha por trabalhar com essa abordagem historiográfica, tem o objetivo de “ênfatar a capacidade de criação autônoma, por parte das classes subalternas, de produtos culturais originais.” (GINZBURG, 1987: 330)

Portanto, ao propor esse tema, “O conceito de Indivíduo”, (no âmbito da historiográfico do século XX) levou-se em consideração a importância que esse estudo teria para a historiografia, visto que diante de um processo denominado de “crise da historiografia”, ou seja, do esgotamento dos antigos modelos e das velhas concepções de se fazer história, como as do historicismo e as do positivismo, por exemplo, foram surgindo, ao longo do século XX, novas propostas e novas respostas frente à essa crise, como as várias buscas por novos campos temáticos. Algumas dessas respostas ganharam maior destaque, como as da Escola dos Annales e as da Micro-História, visto que privilegiavam temas voltados para a exploração do cultural, do mundo do símbolo, da linguagem e da representação mental, como bem mostram as obras de Ginzburg e Febvre, analisadas nesse trabalho.

*À época central do esplendor historiográfico do século XX impôs de maneira geral o grande modelo de história estrutural. Buscavam-se o histórico, a ação e a mudança nas estruturas sociais e o sujeito histórico, ou o agente, era sempre o coletivo. [...] A ênfase foi, progressivamente se deslocando, ao chegar o último quartel do século, para a exploração do sujeito-ator, o ator individual ou individualizante, e passou-se a buscar o histórico mais nas próprias decisões e ações que em seus resultados estruturais.* (AROSTEGUI, 2006: 210)

Nessa perspectiva da “volta do sujeito histórico”, o indivíduo é entendido dentro da estrutura. O indivíduo não é nada além da ação. Ou seja, baseando-se na estrutura, Lucien Febvre e Carlo Ginzburg conseguem inserir o indivíduo no contexto das sociedades nas quais pertencem, embora cada qual tenha uma visão de entendimento a respeito desse indivíduo, pois é ela (a estrutura) quem cria as condições nas quais os homens fazem suas escolhas, ou seja, ela dá espaço para a ação e atuação dos indivíduos, mas esse indivíduo não é um individualista clássico. Ele não é “livre”, ele pode fazer suas escolhas, mas tem que seguir alguns parâmetros. Em outras palavras, partindo da perspectiva de que esses historiadores propunham, inicialmente com a Escola dos Annales e depois com a Micro-História, como iniciativa de trabalho a rejeição do estruturalismo, ao mesmo tempo eles ainda trazem, mesmo que de forma



indireta, traços dessa herança. Eles, em suas obras sobre esses dois sujeitos, ainda demonstram essa herança que o estruturalismo exerce na vida dos indivíduos, (visto que mesmo sendo livres, podendo fazer suas escolhas, ainda sim devem seguir determinados parâmetros, determinadas regras comportamentais, caso contrário estarão excluídos da sociedade à qual pertencem), mas nota-se que pretendem fazê-la dando uma nova resignificação à essa história estrutural. Dessa forma, segundo Aróstegui, esses novos modelos de história reagem à crise, apresentando propostas de renovação historiográficas que trazem o indivíduo como o centro, o agente histórico ativo, que está sempre interagindo com a estrutura, com a sociedade.

## **Referências Bibliográficas**

ARÓSTEGUI, Júlio. **A Pesquisa Histórica: teoria e método.** Trad. Andréa Dore. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006.

BIRARDI, Ângela, et ali. **O Positivismo, Os Annales e a Nova História.** In. ([www.klepsida.net/analles.rtf](http://www.klepsida.net/analles.rtf)) visitado em 17/09/2009.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. **Passados Recompuestos: campos e canteiros da história.** Tradução de Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales 1929-1989.** São Paulo. Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAIRE-JABINET, Marie-Paul. **Introdução à Historiografia.** Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP. EDUSC, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro, Elsevier, 1997 – 19º reimpressão.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1982.

DOSSE, François. **A História em Migalhas: Dos “Annales” à Nova História.** São Paulo: Ensaio. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Organizado por Michael Schöter. Tradução, Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas, Renato Jaime Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

LIMA, Henrique Espada. **A Micro – História Italiana – Escalas, Indícios e Singularidades.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2006.

FEBVRE, Lucien. **O Problema da Incredulidade no Século XVI – A Religião de Rabelais.** São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Combates pela História.** 2ª Ed. Tradução Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz. Rio de Janeiro, Editorial Presença Ltda, 1985.

GUINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes – O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Micro-História e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil S.A. 1989.

\_\_\_\_\_. **O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício**. Tradução Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “VAINFAS, Ronaldo: Os protagonistas anônimos da história: micro-história”. Rio de Janeiro: Campus, 2002, 115pp. In. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 317-318 – 2003.

GURIÊVITCH, Aaron, **A síntese Histórica e a Escola dos Anais**. Coleção Estudos. São Paulo. Perspectiva, 2003.

JOCABENEAU, Jeanine. In. **A Historiografia**. EDUSC. 1998.

KOCKA, Jürgen. **História Social y Consciencia Histórica**. Trad. Elisa Chuliá. Marcial Pons, Ediciones de Historia, S.A. San Sotero, 6 – 28037, Madrid.

MALERBA, Jurandir (org). **A História Escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTIN, Guy Herve e GUY, Bourdê. **Escolas Historiográficas**. 2ª Ed Mem Martins: Europa-América, 2003.

POPPER, Karl R. **A miséria do historicismo**, Aliança, Madri, 2002.

PRIORE, Mary Del. “Biografia: Quando um indivíduo encontra a História”. In. **Topoi**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16.

SILVA, Rogério Forastieri da. **História da Historiografia**. Bauru, São Paulo: EDUSC.

TÉTARTI, Philippe. **Pequena História dos Historiadores**. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.